

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA BÍBLICA**

GABRIEL SILVA DE SOUSA

**TEOLOGIA NEGRA: UMA CONTRIBUIÇÃO HISTÓRICA E TEOLÓGICA SOBRE
O RACISMO NO BRASIL**

SÃO PAULO

2023

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA**

GABRIEL SILVA DE SOUSA

**TEOLOGIA NEGRA: UMA CONTRIBUIÇÃO HISTÓRICA E TEOLÓGICA SOBRE
O RACISMO NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de bacharel em Teologia, sob a orientação do Prof. Ms. Pe. Felipe Cosme Damião Sobrinho.

SÃO PAULO

2023

Dedico este trabalho à minha irmã Gabriele Sousa, mulher negra, cristã e fiel companheira de ministério. Aos meus pastores Wesley e Mariana Santiago, que são fonte de inspiração e cuidado, mas sobretudo, de vida. Um casal negro que luta pelos ideais apresentados nesta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Não posso deixar de demonstrar toda gratidão a Deus pelo dom da minha vida e pela vocação ministerial à qual fui chamado. Sem dúvida, o prazer de ensinar é maior do que qualquer barreira encontrada ao longo do caminho.

Agradeço de maneira especial, meus pais, José e Selma, que sempre estiveram do meu lado ajudando, cuidando e financiando à custo de um trabalho árduo toda minha trajetória acadêmica. Sem vocês, não seria o homem que sou. Sou grato a Deus pelo privilégio de chamá-los de pai e mãe.

Rogo a Deus pela Igreja Big Home, minha igreja local, onde sou pastoreado e leciono Teologia. Meus sinceros agradecimentos pela confiança e todo apoio prestado durante este tempo de formação. Aos meus irmãos e amigos, que me auxiliaram corrigindo e lendo exaustivamente toda esta pesquisa. Sem vocês, isso não seria possível, jamais serão esquecidos!

Agradeço aos meus amigos de faculdade por todo apoio e companheirismo ao longo do curso. Desejo um caminho iluminado a todos.

Agradeço aos meus professores em geral, que tiveram parte nessa formação acadêmica e trouxeram ensinamentos que vou carregar para sempre comigo. Em especial, minha gratidão e carinho pelos professores Pe. Rodrigo, Pe. Romeu, Pe. Claudio e João Claudio Rufino. Meus agradecimentos ao professor Jarbas, pelo seu ensino e caráter acolhedor, além de ser uma forte inspiração, sendo um dos poucos, se não, o único professor retinto da faculdade.

Por fim, não poderia deixar de agradecer meu orientador desta pesquisa, Pe. Felipe, homem negro, piedoso e afável. Obrigado pelas orientações e todo suporte para que este trabalho fosse concluído. Seus ensinamentos foram fundamentais e inspiradores para realizar esta pesquisa.

RESUMO

Atualmente, há muitos debates para estabelecer uma relação entre Teologia e negritude. A Bíblia é um livro negro - sua origem oriental e formação histórica se dá por meio de um povo de pele escura - e sua hermenêutica historicamente é marcada pela branquitude. A Teologia Negra devolve a Bíblia à sua condição social a priori, que é o testemunho dos oprimidos. Alimentar uma estrutura de injustiça e calamidade com o ser humano, por uma diferenciação de raça, é totalmente antibíblico e anticristão. Por isso, se faz necessário o debate com urgência desse tema, pois, os negros no Brasil, passaram mais tempo sendo escravizados do que livres. Tendo em vista que muitos argumentos para tais práticas vinham de uma concepção teológica, é imprescindível uma hermenêutica que devolva ao negro seu direito, não somente social, mas religioso, pois, como oprimido e desfavorecido, esse povo tem uma atenção especial aos olhos de Deus.

Palavras-Chave: Teologia Negra. Sagrada Escritura. Hermenêutica. Pobres. Libertação.

ABSTRACT

Currently, there are many debates to establish a relationship between theology and blackness. The Bible is a black book – it's eastern origin and historical formation takes place through a dark-skinned people - and it's hermeneutics is historically marked by whiteness. Black Theology returns the Bible to it's a priori social condition, which is the testimony of the oppressed. To feed a structure of injustice and calamity towards human beings, by a racial differentiation, is entirely unbiblical and anti-Christian. Therefore, an urgent debate on this topic is necessary, since black people in Brazil have spent more time being enslaved than free. Bearing in mind that many arguments for such practices come from a theological conception, a hermeneutics that is tolerated is the one that gives back to black people their right, not only social, but religious, because, as oppressed and disadvantaged, these people have special attention in the eyes of God.

Keywords: Black Theology. Holy Scripture. Hermeneutics. Poor. Liberty.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 8 |
| CAPÍTULO I – TEOLOGIA NEGRA E RACISMO..... | 9 |
| 1.1 O que é a Teologia?..... | 10 |
| 1.2 O que é o racismo?..... | 14 |
| 1.3 Uma leitura negra a partir da história..... | 16 |
| 1.4 Existe um pensar teológico negro?..... | 19 |
| | |
| CAPÍTULO II – O Racismo no Brasil..... | 21 |
| 2.1 A chegada dos negros no Brasil..... | 23 |
| 2.2 O desenvolvimento sob a cristandade colonial..... | 25 |
| 2.3 Haitianismo e a política de segregação e marginalização dos negros | 26 |
| 2.4 O eco da luta dos direitos civis negros dos Estados Unidos no Brasil..... | 28 |
| 2.5 O Hip Hop como movimento cultural de resistência negra..... | 29 |
| | |
| CAPÍTULO III – Conclusão | |
| Teologia Negra em diálogo para a Justiça..... | 31 |

INTRODUÇÃO

A relação entre Teologia e negritude nos ajuda a pensar em como superar discursos racistas, principalmente dentro do ambiente eclesial. O contexto de escravidão não desaparece com a abolição, mas permanece numa estrutura dentro da naturalização do racismo nas nossas relações. Isso não pode ser ignorado, pois, é esse um dos fatores estruturais causador das desigualdades nas relações étnico-raciais. Dessa forma, há uma urgência de acolhimento à população negra, afim de que exista uma justa participação na realidade socio-eclesial, emergente da reparação histórica.

Essa pesquisa tem como objetivo, trazer uma reflexão a partir de dados históricos e teológicos sobre a negritude, mostrando como uma articulação hermenêutica equivocada - e até mesmo mal-intencionada - pode influenciar diretamente na dor e destituição do direito à vida do povo negro, o que compromete uma visão profunda do cristianismo. Para isso, analisaremos grandes teólogos da luta étnico centrada, que abordam o assunto de maneira sábia e contundente, como: Ronilso Pacheco e Pe. Anízio Vieira.

A reflexão é a chave para mudança de pensamento. Assim, é necessário sondar sob a luz da Bíblia, textos e passagens históricas que serviam de apontamento e base para práticas racistas. A partir dessa análise, nascerá a ideia correta sobre o verdadeiro Deus, que é completamente destituído das concepções colonialistas.

Para entender a posição do negro na relação socio-eclesial do Brasil, esta pesquisa faz um estudo do racismo nacional, a chegada dos negros no Brasil e o desenvolvimento do povo negro sob a cristandade colonial.

Faremos uma análise sobre o pensar teológico negro e sua contribuição para a Teologia através do conhecimento da África, como um continente que foi pioneiro na formação do pensamento cristão, colocando em evidência figuras negras importantes como S. Agostinho e Tertuliano.

Na luta antirracista, é necessário a construção de uma teologia negra com identidade nacional, pois, ao estudar as dinâmicas do Brasil, não é possível se utilizar de todas as fontes que vieram dos Estados Unidos – pioneiros no debate da Teologia Negra com James Cone e outras fontes relevantes.

CAPÍTULO I

TEOLOGIA NEGRA E RACISMO

A Teologia Negra surge em meados da década de 60, nascendo a partir da confluência de três fatores importantes: o acirramento da segregação racial nos Estados Unidos; o aumento dos movimentos de resistência de luta negra, onde podemos enxergar ações coletivas lideradas pelo pastor batista Martin Luther King, como frente de um ativismo político desafiador para época; e o fator mais preocupante dessa dinâmica, que foi a omissão racista e conivência de uma igreja majoritariamente branca em relação a opressão e descaso com os irmãos negros.¹ Tendo em vista todos esses fatores, foi necessário fazer uma releitura de como Deus enxerga o povo negro, pois a revelação bíblica de YHWH ensina que a tirania contra os necessitados é algo que não passa despercebido por Deus.² Assim, a experiência de libertação do povo hebreu no Egito se torna o ponto de partida para uma nova hermenêutica de um povo também sofredor das mazelas sociais e da escravidão, o povo negro.

A ação libertadora de Deus no Antigo Testamento expõe uma prontidão divina em combater a desigualdade e a injustiça. Isso foi determinante para a luta dos direitos civis dos negros, que precisavam ver e contar a sua história sem a ótica do opressor. A manipulação de informação e conhecimento foi uma arma usada pelo colonizador, que através desse meio de dominação, não permitia o negro conhecer suas próprias raízes, cultura e religião, lhe tirando toda identidade. Sobre essa temática, o Pe. Anízio Ferreira dos Santos faz uma abordagem pontual:

O opressor tinha nas mãos todos os meios disponíveis de dominação. E na sua esperteza dominava e domina até mesmo na seleção dos fatos a ser registrados para a posteridade. Vale a pena dizer que a dominação ou a manipulação da informação é uma das maneiras mais criminosas de escravizar um povo. Pois um povo sem informação é um povo sem formação e sem história. Um povo que não conhece sua história perde a própria identidade.³

¹ PACHECO, Ronilso. *Teologia Negra*. Disponível em: <https://youtu.be/8T81BVO4rBM> (acesso em: abril de 2023).

² Cf. Ex 3,7.

³ SANTOS, A. F (org.). *Eu, negro – discriminação racial no Brasil existe?* Edições Loyola, São Paulo, 1986. Pág. 13.

O povo hebreu e os negros sofreram de maneiras diferentes, mas, quando o assunto é escravidão, há alguns pontos semelhantes. No Egito, os hebreus passaram 400 anos sendo escravizados; no Brasil, os negros sofreram 388 anos até a abolição da escravatura. Entretanto, o negro que teve sua “liberdade” alcançada, não pôde desfrutá-la, tornando a escravidão um período maior do que o seu fim imposto pela Lei Áurea. Porém, se há simetria na opressão, também deve haver no desencarceramento, e esse foi o ponto fundamental para esperança desse povo sofredor - manter viva a verdade de que o Deus Libertador do Êxodo ainda está proclamando libertação, e tem levantado diversos “messias”, como fez com Moisés. Assim, nascem figuras históricas importantes que se tornaram relevantes na ação libertadora do seu povo, como Maria Felipa, Marielle, Cassius Clay, Luiz Gama, Mandela e tantos outros negros no mundo todo.

Refletir sobre a escravidão gera uma revolta que precisa ser alimentada dos sentimentos certos, pois, à luz de uma Teologia correta, entendemos que: ninguém nasceu para ser escravo, ninguém nasceu para ser senhor, ninguém nasceu para viver na miséria. Nascemos todos, sim, para ser irmãos.⁴

1.1. O que é a Teologia?

Para Irineu, a teologia é uma atividade intelectual situada no interior das coordenadas do “único esquema de fé”, como é ensinado na Igreja⁵. Se faz necessário lembrar que a Teologia está à serviço da Igreja e, no Credo de Fé Apostólico, existe um ponto fundamental para se estabelecer qualquer verdade teológica: Jesus ressuscitou dentre os mortos, portanto está vivo!⁶ Isso deve trazer outra perspectiva para o estudo. Para fazer Teologia é preciso crer na esperança do ressuscitado, para animar e dar força a qualquer pensamento ou raciocínio, caso contrário, haverá um processo de mortificação da fé. Teologia é feita com esperança, sobretudo, na fé de um Deus vivo e que proporciona vida.

A Teologia é parte de um esforço humano em conhecer e traduzir as manifestações de Deus ao longo da história.⁷ A leitura de como tudo isso acontece pode ser chamada de Teologia, pois a reflexão sobre Deus e o que Ele faz é o que cabe ao teólogo. Seria muita pretensão do homem o desejo em estudar o Criador de todo universo debaixo das suas fraquezas e limitações. Por isso, é importante conhecer Deus por meio da humanidade do outro.

⁴ SANTOS, A. F (org.). *Eu, negro – discriminação racial no Brasil existe?* Edições Loyola, São Paulo, 1986. Pág. 25.

⁵ WICKS, Jared. *Introdução ao método teológico*. 3º Edição, Edições Loyola, São Paulo, 2011. Pág. 16.

⁶ *Credo Apostólico*. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/oracoes/simbolo-dos-apostolos.html> (acesso em: abril de 2023).

⁷ BLANK, Renold J. *Deus na História: centros temáticos da Revelação*; Paulinas, São Paulo, 2005. Pág. 9.

Quando Deus se revela, o faz por caminhos humanos. É tão verdade, que, Jesus se fez carne e habitou entre os homens. Isso deveria ser suficiente para mudar toda a perspectiva social, tendo em vista que, se podemos conhecer mais de Deus através do próximo, é de suma importância que não exista uma descaracterização do outro, pois é mediante ao diálogo com o diferente que se pode conhecer a multiforme Graça de Deus.⁸ Dentro dessa problemática, vemos o conflito entre negros e brancos na história.

Entender a Teologia como uma ferramenta de integração é fundamental para construir uma sociedade mais igualitária. Isso porque a Igreja é a única instituição que consegue unir os extremos no mesmo lugar de pertencimento: negros e brancos, pobres e ricos, homens e mulheres, e assim por diante. Ou seja, quando cremos numa Teologia alinhada com a verdade bíblica, somos capazes de produzir o inimaginável, pois, o que parece ser impossível de comungar, por meio da fé e da caridade, a Igreja consegue integrar e chamar de comunidade.

Não há como fazer a reflexão teológica sem o importantíssimo papel do teólogo. Em relação a isso, podemos destacar:

A paixão do teólogo é a procura do significado. Por vocação, ele investiga a respeito do sentido do que receberam, em seu conjunto, os que crêem. Em suma, a teologia se ocupa do significado da palavra de Deus dirigida a todos os homens; palavra que os crentes aceitam e – com diferentes graus de sucesso – procuram viver. Por isso, o teólogo é um pesquisador do significado da palavra de Deus e da vida de fé.⁹

Portanto, o teólogo se torna uma peça fundamental no serviço à comunidade de fé, pois com a sua contribuição, a interpretação coerente das Sagradas Escrituras fica mais clara e didática para os fiéis, aproximando o povo do contato direto com a Palavra. Somente quando a igreja estiver se alimentando e vivendo no direcionamento concreto da Sã Doutrina, é que será possível transformar a igreja em um lugar de inclusão.

A Teologia por si só é capaz de transmitir a mensagem de Deus. Mas, a sua total compreensão se dá por meio do uso de ferramentas que estão na mão do teólogo. Ou seja, o teólogo está à serviço da Teologia, e, por sua vez, a Teologia está à serviço da Igreja, pois é com ela que conhecemos profundamente o Evangelho de Cristo.

⁸ Cf. 1 Pe 4,10.

⁹ WICKS, Jared. *Introdução ao método teológico*. 3ª Edição, Edições Loyola, São Paulo, 2011. Pág. 13.

A sistematização da Teologia, é algo mais recente do que imaginamos. Contudo, suas origens estão nas experiências mais profundas com Deus, que marcam o início de uma trajetória verdadeira de entrega à fé. Assim que surge as narrativas bíblicas, e isso serve como uma importante lição: é impossível fazer Teologia sem o contato íntimo do agente da revelação, o Deus Criador. É nessa perspectiva que se pode entender os mais diversos e variados toques de Deus na história. É bem verdade que Deus não precisa respeitar uma liturgia, Ele está acima de tudo e de todos.¹⁰ Por isso, nem sempre há um padrão para que Ele fale, isso não limita o lugar de revelação, pois, Deus pode se fazer conhecido em qualquer lugar. Uma prova disso, é como a experiência do Êxodo para o povo hebreu, transformou o pranto e o sofrimento em uma revelação profunda de que Deus liberta.

A Teologia, esta elaboração sobre a Bíblia, este estudo crítico e arguição sobre Deus e seus feitos, sobre Jesus de Nazaré e a mensagem do evangelho, não tem origem na elaboração organizada e apologética dos Pais da Igreja. Ela nasce no deserto, com o povo que caminhava no deserto. Muito da teologia, e em especial as teologias reconhecidas como “de libertação”, entendem o Êxodo como o ponto de partida, muitas vezes encerrando a mensagem de libertação ao contexto pontual em que Deus intervêm na condição de escravidão e exploração do povo hebreu no Egito e levanta Moisés com líder e profeta que vai à frente do seu povo, conduzindo para a fuga, a saída, a libertação do cativo. O ato da libertação lança uma massa de ex-cativos em uma jornada, e transforma esta mesma massa em um povo peregrino, que aprende a se relacionar consigo mesmo e com o Deus no qual crê.¹¹

A Teologia, em sua essência, é um aprendizado processual, pois, o que se pode conhecer de Deus é apenas o que Ele próprio revelou.¹² Assim, a jornada do homem na terra, é um chamado para a relação com aquele que o conhece no mais íntimo, mesmo que o homem não conheça Deus na mesma medida. Por isso, a caminhada cristã exige de qualquer pessoa a fé.¹³

¹⁰ Cf. Sl 103,19.

¹¹ PACHECO, Ronilso. *Teologia Negra – O sopro Antirracista do Espírito*. 1º Edição, São Paulo, Novos Diálogos, 2019. Pág 23.

¹² Cf. Rm 1,19.

¹³ Cf. Hb 11,6.

As Sagradas Escrituras mostram, no Êxodo, um olhar atencioso de Deus em relação ao clamor dos necessitados. A escravidão é marcada por uma violência desmedida, que não acontece somente no âmbito físico, mas em toda a formulação do ser. Porém, fica evidente que, a marca mais visível da escravidão é a violência física. Isso claramente chama a atenção de Deus, pois no projeto de libertação do Êxodo, Deus quer constituir uma nova sociedade com igualdade, fraternidade e amor, colocando um fim na violência do opressor, que influência e contamina todos à sua volta.

(...) A narrativa, nessa fase, chama a atenção para uma segunda realidade importante: a violência entre os oprimidos. Estilisticamente, o poeta realça o assunto duas vezes: pela função indicativa da partícula *eis*, que cria ênfase, e pela colocação de uma frase nominal, numa narração que predominantemente trabalha com frases verbais: *Eis que dois homens hebreus (estavam) brigando* (v.13b).

É interessante observar que o autor usa o verbo *bater* pela terceira vez. A repetição deixa claro que, numa sociedade opressora e escravista, o uso da força física e da violência encontra-se por todo lado. *O egípcio está batendo* (v.11e), *Moisés bate* (v.12c), *mas também um hebreu bate em seu próximo* (v.13d). A violência é generalizada. Os verbos *brigar* (v.13b) e *matar* (v.14c [duas vezes].15b) sublinham essa impressão da realidade.¹⁴

Essa visão libertadora, é fruto de uma continuação da revelação estruturada no Pentateuco. A organização do cânon bíblico é uma configuração pedagógica para o leitor. A sequência de livros não começa com Gênesis por acaso. Esse livro tem como premissa revelar Deus como Pai, por meio da história dos Patriarcas, sobretudo, no exemplo bíblico de Abraão. Assim, em continuidade, o livro do Êxodo tem o objetivo de revelar Deus como libertador.

Fazendo uma Teologia dos Livros, na ordem sequencial em que estão distribuídos, o leitor deveria entender como revelação, que é um Pai que faz a libertação do Êxodo, não é qualquer figura. Portanto, isso torna a experiência libertadora muito mais profunda e bela. É por esse motivo que o clamor do povo escravizado chega ao Senhor. Se trata de um Pai ouvindo seus filhos, não de um deus distante, escondido nas alturas e inalcançável.

¹⁴ GRENZER, Matthias. *O projeto do êxodo*. 2ª ed. Ampl. São Paulo: Paulinas, 2007. Pág 42-43.

1.2. O que é racismo?

O racismo trata-se de uma hierarquização dos seres humanos segundo o seu grupo racial. A um destes grupos, a raça branca, se atribuem todas as características propriamente humanas, daí resultando ser ela a raça humana plena.¹⁵ Dessa forma, esse pensamento racista, expõe que, quanto mais próximo a pele estiver da cor branca, mais “humano” a pessoa se torna.

O pensamento racista é um absurdo em qualquer escala. Mas, não é surpresa que durante a história, diversas pessoas apoiaram esse pensamento ideológico. Uma vez que o capitalismo se instaurou de vez e se fortaleceu como sistema político-econômico, o racismo entrou em progressão e avançou de maneira desmedida. Para analisar esse fenômeno, é essencial compreender o racismo como um mecanismo que impede a ascensão social dos não brancos.

A América do Norte desenvolve com maior força o modo de produção capitalista e, por isso, o racismo tende a ser mais rígido porque, ao menos teoricamente, a ascensão social está ligada à posse de bens donde ser potencialmente possível a ascensão social do negro. Houve de fato, em alguns momentos, escravistas negros.¹⁶

Fechar os olhos para essa realidade é fazer com que o negro seja menos do que realmente ele é. Isso é a desvalorização do ser humano em sua capacidade mais profunda de se entender como ser, pois, todo homem é Imagem de Deus.

Com algumas raras exceções, a maior parte dos exegetas contemporâneos reconhece a centralidade do tema da imago Dei na revelação bíblica (cf. Gn 1,26-27; 5,1-3; 9,6). Este tema é visto como a chave para uma compreensão bíblica da natureza humana e para todas as afirmações de antropologia bíblica tanto no Antigo como no Novo Testamento. Segundo a Bíblia, a imago Dei constitui quase uma definição do ser humano: não é possível compreender o mistério do ser humano separado do mistério de Deus.¹⁷

¹⁵ CEDI, Ass. Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT). *Identidade Negra e Religião – Consulta sobre cultura negra e Teologia na América Latina*. Edições Liberdade, São Paulo, 1986. Pág. 54.

¹⁶ CEDI, Ass. Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT). *Identidade Negra e Religião – Consulta sobre cultura negra e Teologia na América Latina*. Edições Liberdade, São Paulo, 1986. Pág. 56

¹⁷ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Comunhão e serviço: a pessoa humana criada à imagem de Deus*, 2004. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20040723_communion-stewardship_po.html. (acesso em: abril de 2023).

O racismo é um fenômeno ideológico, cuja função é justificar a desigualdade no grau de desenvolvimento dos povos.¹⁸ Isso serviu para legitimar a ação opressora do branco em relação ao negro, que por muitas vezes, tentou sacralizar seus atos apoiando suas ideologias em textos bíblicos.

“(...) o racismo foi e é a mais importante justificativa do colonialismo, da escravidão e da opressão, e é hoje a base ideológica da barreira contra a ascensão social do negro, do aborígine australiano e do indígena americano. A mesma base justifica também a negação do acesso igualitário aos bens materiais e espirituais de todos os grupos étnicos e nações.”¹⁹

Essa tentativa frustrada de conseguir um apoio totalmente religioso, fez com que a ideologia do racismo procurasse força em outros lugares.

Alguns historiadores racistas, para justificar a escravidão no Brasil, diziam que os negros já eram escravos na África, que a escravidão aqui era apenas a continuação da vida que eles viviam lá. Os que fazem essa afirmação se esquecem de que a escravidão praticada na África não era econômica, era patriarcal, gerada de lutas que haviam entre tribos. Os vencedores podiam levar os vencidos como escravos. Só que estes escravos eram domésticos, faziam os serviços caseiros e eram bem tratados. Depois de algum tempo, sua tribo de origem podia resgatá-lo por meio da troca de mercadorias.

A escravidão praticada pelos países colonialistas era diferente: visava ao lucro e teve o seu apogeu na época do mercantilismo (sistema que tinha como objetivo de levar as colônias, países da América e da África e enriquecerem as metrópoles). Para conseguir o lucro era necessário explorar até a última gota de sangue do negro, transformando-o em objeto de compra e venda.²⁰

¹⁸ CEDI, Ass. Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT). *Identidade Negra e Religião – Consulta sobre cultura negra e Teologia na América Latina*. Edições Liberdade, São Paulo, 1986. Pág. 68.

¹⁹ CEDI, Ass. Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT). *Identidade Negra e Religião – Consulta sobre cultura negra e Teologia na América Latina*. Edições Liberdade, São Paulo, 1986. Pág. 68.

²⁰ SANTOS, A. F (org.). *Eu, negro – discriminação racial no Brasil existe?* Edições Loyola, São Paulo, 1986. Pág. 29.

1.3. Uma leitura negra a partir da história

O negro precisa ser entendido como pessoa. Todo homem é produtor e participante da história. Quando o negro é visto somente pela ótica racista, é criada uma falsa ideia de que o povo negro sempre foi escravo. O protagonismo negro precisa ser devolvido com urgência, afim de que a ideologia racista não seja maior do que os fatos históricos a respeito da negritude.

Da perspectiva histórica, é intrinsicamente equivocado dizer que o cristianismo é europeu. Qualquer um que tenha acesso a um livro de história e a um mapa pode provar esse erro. Um fato escondido à vista de todos é que os três maiores centros do cristianismo primitivo foram os patriarcados de Roma, Antioquia e Alexandria. Desses três, somente Roma corresponde ao que chamamos Europa ocidental. Alexandria fica no Egito, importante centro da cultura africana. Não temos informações precisas sobre como o cristianismo chegou ao norte da África, mas a tradição diz que ela foi evangelizada por São Marcos. Dessa igreja no norte da África vieram algumas das mentes mais brilhantes do cristianismo, como Agostinho e Tertuliano.²¹

O racismo tenta omitir a história negra, mas não é possível esconder fatos e passagens bíblicas. A leitura das Sagradas Escrituras revela a origem do cristianismo entre um povo de pele escura. Há diversos versículos que ressaltam isso, mas sobretudo, o Cântico dos Cânticos tem uma passagem especial, que revela um orgulho negro.²²

Aqueles que duvidam da negritude do cristianismo primitivo têm de tomar uma decisão. Ou alguns ocidentais branquearam a história egípcia ao transformar muito de seus personagens em europeus, ou não. Se branquearam a história egípcia, essa prática se estende à era da igreja primitiva, o que significa que ou os principais luminares do cristianismo primitivo tinham pele escura, ou o Egito não é tão africano quanto afirmamos.²³

²¹ MCCAULLEY, Esau. *Uma leitura negra: interpretação como exercício de esperança*. Trad. Susana Klassen. 1º Ed. São Paulo, Mundo Cristão, 2021. Pág. 97-98.

²² Cf. Ct 1,5.

²³ MCCAULLEY, Esau. *Uma leitura negra: interpretação como exercício de esperança*. Trad. Susana Klassen. 1º Ed. São Paulo, Mundo Cristão, 2021. Pág. 98.

O cristianismo e o judaísmo são religiões de memória.²⁴ Portanto, é inaceitável para um cristão, a omissão frente ao racismo histórico que acontece, pois, não bastasse a escravidão, os açoites e todo sofrimento do negro, também este povo tem que lutar contra o apagamento de sua própria origem.

A separação entre judaísmo e cristianismo acontece apenas no primeiro século depois de Cristo, e mesmo com o rompimento, a tradição cristã não apartou do seu cânon os relatos e histórias basilares dos judeus. Portanto, chegamos à conclusão de que, se tratando de Antigo Testamento, os judeus e os cristãos têm praticamente a mesma fé e partilham das mesmas convicções. Sendo assim, resgatando a memória dos Patriarcas, temos pontos importantes para serem analisados.

A importância dos africanos no cumprimento das promessas abraâmicas pode ser vista na história amplamente negligenciada de Jacó, Efraim e Manassés. Cristãos negros conhecem a história de José, vendido por seus irmãos e escravizado no Egito. Por fim, José subiu ao poder, abaixo apenas do faraó (Gn 41,10). O faraó deu a José uma esposa egípcia, Asenate, com quem ele teve dois filhos, Efraim e Manassés.

Depois da reconciliação dramática entre José e seus irmãos, a família é reunida e vai morar no Egito. Perto do fim da vida de Jacó, José leva seus dois meninos para que sejam abençoados pelo avô. No encontro com esses dois meninos meio egípcios e meio hebreus, Jacó se lembra da promessa que ele havia recebido de Deus muitos anos antes (Gn 48,3-5).

Jacó vê *a pele escura e a origem africana* desses meninos como o início do cumprimento por Deus da promessa de tornar Jacó uma comunidade formada por diversas nações e etnias, e por esse motivo toma os meninos para si. Esses meninos se tornam duas das tribos de Israel. Egito e África não estão fora do povo de Deus; o sangue africano corre para dentro do povo de Israel desde o início como cumprimento da promessa feita a Abraão, Isaque e Jacó.²⁵

²⁴ CEDI, Ass. Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT). *Identidade Negra e Religião – Consulta sobre cultura negra e Teologia na América Latina*. Edições Liberdade, São Paulo, 1986. Pág. 66.

²⁵ MCCAULLEY, Esau. *Uma leitura negra: interpretação como exercício de esperança*. Trad. Susana Klassen. 1º Ed. São Paulo, Mundo Cristão, 2021. Pág. 101-102.

É notória a relação entre a identidade negra e a Bíblia. Essa presença da bênção de Deus para outros povos e etnias, sobretudo o povo africano, nos leva a questionar de maneira histórica e teológica os argumentos para a defesa do racismo. A partir de uma leitura bíblica opressora, o homem branco fez surgir um deus que não é relatado nas Sagradas Escrituras. Um dos principais pontos usado para a legitimação da escravidão e do racismo, era a interpretação equivocada da maldição de Cam. Os teólogos racistas acrescentaram que os negros descendem de Cam e, portanto, estão condenados à servidão e à escravidão permanentes.²⁶

Em vez de considerar a narrativa de Gênesis um relato da visão de Deus de um povo multiétnico, muitos viram Gênesis como o texto que mostra que a negritude é amaldiçoada. A facção escravagista da América do Norte (e de outros lugares) afirmava que a pele negra e a escravidão eram consequência da maldição de Cam relatada em Gênesis 9,20-27. Nenhuma interpretação arrazoada de Gênesis pode afirmar que (1) Canaã foi o antepassado de todos os africanos; (2) a maldição consistiu em pele negra; (3) o objetivo de Gênesis era confirmar a dominação de povos africanos pelos europeus. Não obstante, a situação social dos escravagistas à procura de justificação para o pecado distorceu o significado evidente do texto. A situação social dos povos africanos que abordaram o texto indagando se havia um lugar para nós nessa história lhes permitiu enxergar o verdadeiro significado de Gênesis.²⁷

Os teólogos do racismo tomaram como uma das provas mais contundentes a associação do pecado com a cor negra. Visto que o pecado é negro (segundo a sua própria definição) e também é a pele dos africanos, que maior prova se necessita de sua vileza?²⁸

A visão teológica de Deus precisa existir para além da condenação. O Deus bíblico é um Pai amoroso²⁹, e sobre isso, devemos nos questionar constantemente: o que vale mais diante de Deus, a maldição de Noé para Cam ou a bênção dos Patriarcas para todos os povos? É evidente que a bênção e aliança abraâmica tem mais valor e significado teológico, do que uma base refutável de racismo em Cam.

²⁶ CEDI, Ass. Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT). *Identidade Negra e Religião – Consulta sobre cultura negra e Teologia na América Latina*. Edições Liberdade, São Paulo, 1986. Pág. 69.

²⁷ MCCAULLEY, Esau. *Uma leitura negra: interpretação como exercício de esperança*. Trad. Susana Klassen. 1º Ed. São Paulo, Mundo Cristão, 2021. Pág. 101.

²⁸ CEDI, Ass. Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT). *Identidade Negra e Religião – Consulta sobre cultura negra e Teologia na América Latina*. Edições Liberdade, São Paulo, 1986. Pág. 69.

²⁹ Cf. Lc 15,11-32.

1.4. Existe um pensar teológico negro?

Até que ponto a ideia de igualdade de todos os homens diante de Deus vigorava no mundo da escravidão, onde uns gozavam dos bens terrenos e outros, igualmente “cristãos”, deviam sofrer toda classe de privações e injustiças?³⁰ O pensar teológico negro vai se formando ao longo da história, pela necessidade de responder esse questionamento.

A Teologia Negra é uma teologia do povo negro e para ele, um exame de suas histórias, contos e ditos. É uma investigação da mente feita nas matérias-primas de nossa peregrinação contando a história de como “nós vencemos”. Para a teologia ser negra, ela precisa refletir sobre aquilo que significa ser negro.³¹

A memória do Êxodo e as promessas abraâmicas, não são as únicas fontes teológicas para a Teologia Negra. A Obra Lucana, no Novo Testamento, é fonte de inspiração de um pensar teológico negro. O lugar de Lucas no cânone mostra o valor dado por Deus a todos os grupos étnicos. De acordo com Lucas, a inclusão de gentios não foi uma inovação criada pela igreja primitiva para tentar aumentar sua participação de mercado.³²

O fato de Lucas escrever como gentio para outros gentios a fim de lhes dizer que eles têm um lugar no reino de Deus é diretamente relevante para pregadores negros que anunciam aos membros de suas congregações que eles têm um lugar no reino de Deus como filhas e filhos. Esse lugar como filhas e filhos no reino de Deus excede qualquer tentativa de reinos inferiores de nos tornar cidadãos de segunda categoria. Somos filhos de Deus. Os Estados Unidos (ou qualquer outro país) não têm poder para determinar nosso valor.³³

³⁰ CEDI, Ass. Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT). *Identidade Negra e Religião – Consulta sobre cultura negra e Teologia na América Latina*. Edições Liberdade, São Paulo, 1986. Pág. 124.

³¹ CONE, James. *O Deus dos oprimidos*. São Paulo, Paulinas, 1985. Pág. 27.

³² MCCAULLEY, Esau. *Uma leitura negra: interpretação como exercício de esperança*. Trad. Susana Klassen. 1º Ed. São Paulo, Mundo Cristão, 2021. Pág. 78.

³³ MCCAULLEY, Esau. *Uma leitura negra: interpretação como exercício de esperança*. Trad. Susana Klassen. 1º Ed. São Paulo, Mundo Cristão, 2021. Pág. 79.

O racismo cumpre a função ideológica de justificar a escravidão ou a dominação de uma classe sobre a outra, de uma nação sobre a outra. E tudo isto sempre protegido por argumentos teológicos.³⁴ A Teologia Negra combate a teologia racista e escravagista. Por isso, se faz necessário o seu uso, e a continuação de sua reflexão, pois a mesma, não pode deixar de existir.

É impossível que oprimidos e opressores queiram dizer a mesma coisa quando falam sobre Deus. O Deus dos oprimidos é um Deus da revolução que rompe as correntes da escravidão. O Deus dos opressores é um Deus da escravidão e deve ser destruído junto com os opressores. A pergunta então, da forma como a teologia negra entende, não é se negros e negras acreditam em Deus, mas em qual acreditam: dos oprimidos ou dos opressores?³⁵

A experiência de libertação do povo hebreu, inspira e evoca para o povo negro, um Deus que é real. No desenvolvimento da Teologia Negra, Deus não é uma ideia metafísica, mas sim, o libertador dos escravos e oprimidos. Para se obter esse conceito, é necessário uma experiência profunda e prática da fé. Não é por meio de ideologias filosóficas que se chega ao conhecimento de Deus, é por meio de experiência e revelação. A África foi berço de um cristianismo filosófico, mas não se deteve a ficar somente nas ideologias.

O negro escravizado, pode fazer uma experiência profunda da Cristologia, porque carrega em seu corpo e na história, as mesmas marcas do Servo Sofredor.

Mais que entender a cristologia a partir das pregações dos missionários, os negros sentiram e viveram na própria história da escravidão a presença de Jesus Cristo. A sua primeira experiência cristológica foi a do “Servo Sofredor”. Através da sua condição de escravo, o negro sentiu-se identificado com o Cristo Sofredor. A escravidão foi um fato tão inusitado e chocante, que abalou profundamente a razão e a alma da população negra. (...) Quando olhava para o rosto de Cristo, “Servo Sofredor”, a Comunidade Negra via nele o seu próprio rosto.³⁶

³⁴ DUSSEL, Enrique D. *Caminhos de libertação latino-americana*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1984. Pág. 138.

³⁵ CONE, James H. *Teologia Negra*. Ed. 50º aniversário. São Paulo: Recriar, 2020. Pág. 124.

³⁶ APARECIDO S, Antônio (org.). *Existe um pensar teológico negro?* Ed. Paulinas, 1998. Pág. 55.

CAPÍTULO II

O RACISMO NO BRASIL

A história verdadeira do Brasil (e de todo mundo) vem sendo escrita de novo, de forma científica, com mais documentação, incluindo todos os brasileiros, também os pobres, os índios, as mulheres e os negros.³⁷

A história dos negros no Brasil é uma história sem registro. O que conhecemos é ensinado nas escolas, é a história oficial, censurada e bonita. É a história dos políticos, aprovada pelos governantes para dizer o que lhes interessa. Em geral, conta-se apenas a história das pessoas mais “importantes”. Não é a história do povo brasileiro, de toda a população, do povo que trabalha e constrói e que faz a nação.³⁸

O negro brasileiro sofre de um racismo estrutural, que em diversos aspectos se diferencia da segregação racial que aconteceu nos Estados Unidos. Embora tudo envolva, o racismo, a desigualdade e o preconceito, a forma de manifestação de todas elas se diferenciam nas estruturas sociais. Sobretudo, no Brasil, esse racismo para alguns é quase imperceptível, pois, não aparece somente nos xingamentos e violência, que são manifestações visíveis, aparece de maneira sutil na negação e/ou destituição dos direitos do negro.

As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista.³⁹ O Racismo no Brasil se tornou parte de uma ordem social, sua naturalização nas instituições e estruturas sociais, acontece para que grupos raciais se beneficiem da destituição do outro, a saber, os brancos. As instituições reproduzem o que a sociedade é e faz, e assim, foi se limitando cada vez mais o espaço de atuação dos negros em universidades, no mercado de trabalho, nas instituições religiosas, e todo tipo de espaço imaginável.

³⁷ BONNATI, Mário. *Negra bela raiz: a presença negra na formação do Brasil*. Aparecida, SP. Ed. Santuário, 1991. Pág. 43.

³⁸ BONNATI, Mário. *Negra bela raiz: a presença negra na formação do Brasil*. Aparecida, SP. Ed. Santuário, 1991. Pág. 43.

³⁹ ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. Pág. 36

(...) entender que o racismo é estrutural, e não um ato isolado de um indivíduo ou de um grupo, nos torna ainda mais responsáveis pelo combate ao racismo e aos racistas. Consciente de que o racismo é parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça o indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável pela manutenção do racismo. A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias vazias ou repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas.⁴⁰

O negro no Brasil continua em uma luta antirracista. A forma como a sociedade brasileira abraçou o projeto de eugenia branca, fez com que o negro fosse sempre colocado como o último da fila, em todas as perspectivas históricas e sociais. O movimento eugenista trabalhou dentro do imaginário da população negra sua diminuição, por conta disso, o negro se enxerga sempre menos do que realmente é e representa.⁴¹ Temos figuras consideradas importantes na literatura nacional, como o Monteiro Lobato, que fizeram parte dessa distribuição em massa da eugenia através dos seus escritos. Em 1918, ele publicou um livro chamado Problema Vital que tinha apoio de instituições eugênicas. Além disso, há relatos de que ele seria amigo pessoal de Renato Kehl, considerado o pai da eugenia no Brasil.⁴²

O movimento de exclusão que acontece com o negro, o colocando nas periferias, nos presídios, no tráfico, na fila do desemprego e em todas as situações de vulnerabilidade social, não é mera coincidência, isso foi um plano social muito bem elaborado por racistas como João Batista de Lacerda⁴³, que em 1911 apresentou um ensaio sobre mestiçagem no Brasil, defendendo o fim da raça negra.

O auge da campanha pelo branqueamento do Brasil surge exatamente no momento em que o trabalho escravo (negro) é descartado e substituído pelo assalariado. Aí coloca-se o dilema do passado com o futuro, do atraso com o progresso e do negro com o branco como trabalhadores. O primeiro representaria a animalidade, o atraso, o passado, enquanto o branco (europeu) era o símbolo do trabalho ordenado, pacífico e progressista.

⁴⁰ ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. Pág. 40

⁴¹ AZIDEIASPODCAST. *Consciência Negra*. São Paulo, 20 de novembro de 2022. Instagram: @azideiaspodcast. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CIM1-RFNuBc/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: abril de 2023.

⁴² DEBOOK. Feliz aniversário, Monteiro Lobato. Bahia, 18 de abril de 2023. Instagram: @_debook_. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CrMEIzWuMUj/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: abril de 2023.

⁴³ AZIDEIASPODCAST. *Consciência Negra*. São Paulo, 20 de novembro de 2022. Instagram: @azideiaspodcast. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CIM1-RFNuBc/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: abril de 2023.

Dessa forma, para se modernizar e desenvolver o Brasil só havia um caminho: colocar no lugar do negro o trabalhador imigrante, descartar o país dessa carga passiva, exótica, fetichista e perigosa por uma população cristã, europeia e morigerada.

Todo o racismo embutido na campanha abolicionista vem, então, à tona. Já não se trata mais de acabar com a escravidão, mas de enfatizar que os negros eram incapazes ou incapacitados para a nova etapa de desenvolvimento do país. Todos achavam que eles deviam ser substituídos pelo trabalhador branco, suas crenças deviam ser combatidas, pois não foram cristianizados suficientemente, enquanto o italiano, o alemão, o espanhol, o português, ou outras nacionalidades europeias, viriam trazer não apenas o seu trabalho, mas a cultura ocidental, ligada histórica e socialmente às nossas tradições latinas.

O problema não era apenas importar mão de obra, mas sim membros de uma raça mais nobre, ou melhor, caucásia, branca, europeia e, por todas essas qualidades, *superior*. A ideologia do branqueamento permeia então o pensamento de quase toda a produção intelectual do Brasil e subordina ideologicamente as classes dominantes. Importar o negro, isso ficava fora de qualquer cogitação.⁴⁴

2.1. A chegada dos negros no Brasil

O negro não veio espontaneamente, como imigrante, para o Brasil. Foi trazido à força. Ele não queria vir. Foi forçado. Ameaçado e torturado.⁴⁵

O tráfico de escravos negros para a América constitui uma das páginas mais trágicas da história da humanidade. Muito pior que o holocausto dos judeus pelos nazistas. Durou mais de 300 anos e atingiu muitos milhões. Mais de 6 milhões de pessoas.

Como chegou o homem a este ponto de degradação? Pode-se obrigar alguém a trabalhar de graça, sem direito algum, como um animal, a vida inteira? Ele e seus filhos?⁴⁶

⁴⁴ MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. 2º Ed. São Paulo: Perspectiva, 2019. Págs. 109-111.

⁴⁵ BONNATI, Mário. *Negra bela raiz: a presença negra na formação do Brasil*. Aparecida, SP. Ed. Santuário, 1991. Pág. 34.

⁴⁶ BONNATI, Mário. *Negra bela raiz: a presença negra na formação do Brasil*. Aparecida, SP. Ed. Santuário, 1991. Pág. 34.

Em meados do século XVI, tem início o tráfico de negros africanos escravizados para o Brasil, uma história de exploração que durou aproximadamente 400 anos.⁴⁷

Os negros, vindo para o Brasil como escravos, são em sua maioria provenientes do grupo dos sudaneses ocidentais.⁴⁸ Estima-se que, cerca de três milhões e quinhentos mil escravos teriam vindo para o Brasil. Pessoas que perderam suas identidades, vida, religião e família.

O escravo não tinha nenhuma garantia de sobrevivência quando chegava ao Brasil. Dos portos, os escravos eram encaminhados aos locais e entregues aos compradores. Até que tal situação se consumasse, podia ser necessário algum tempo, e os escravos ficavam ali “armazenados”. Novas mortes e doenças rondavam por ali, fazendo parte do cotidiano, além dos açoites.⁴⁹

Essas condições de transporte que negligenciavam a vida do negro, foram realizadas por muito tempo. O Brasil foi um dos primeiros países da América Latina a se envolver no tráfico negreiro, e se tornou o último a abolir essa prática, por volta de 1850.

Os nossos irmãos africanos eram tidos como peças, para serem vendidas em praça pública. As viagens duravam vários dias, e até meses, conforme as condições do tempo. Durante os mais de trezentos anos de tráfico foram jogados no oceano mais de seiscentos mil negros.⁵⁰

⁴⁷ BONNATI, Mário. *Negra bela raiz: a presença negra na formação do Brasil*. Aparecida, SP. Ed. Santuário, 1991. Pág. 36.

⁴⁸ SANTOS, A. F (org.). *Eu, negro – discriminação racial no Brasil existe?* Edições Loyola, São Paulo, 1986. Pág. 21.

⁴⁹ BONNATI, Mário. *Negra bela raiz: a presença negra na formação do Brasil*. Aparecida, SP. Ed. Santuário, 1991. Pág. 40.

⁵⁰ SANTOS, A. F (org.). *Eu, negro – discriminação racial no Brasil existe?* Edições Loyola, São Paulo, 1986. Pág. 14.

2.2. O desenvolvimento sob a cristandade colonial

A escravidão não era para ser existir no Brasil, porém, desde a formação do país, foram feitas várias formas de burlar um sistema que garantisse a proteção e vida digna do negro.

A principal justificativa apresentada no Brasil colonial para a escravidão negra foi exatamente a doutrina da guerra justa. Os negros poderiam ser escravizados desde que capturados num combate considerado justo, isto é, quando os portugueses defendiam suas bases coloniais na África contra as incursões e ataques africanos.

Na realidade, porém, era extremamente difícil e praticamente impossível poder saber ou verificar, no Brasil, se os escravos vendidos eram efetivamente o fruto de uma guerra justa. Além da imensa distância entre a colônia brasileira e o território africano, separados pelo Oceano Atlântico, os meios de comunicação da época eram também extremamente precários.⁵¹

A Bíblia não pode ser alterada, ela revela o caráter de Deus, mas também o do homem, e quando este é mal-intencionado na sua ação, pode gerar em nome de Deus, um sistema tão pesado quanto a escravidão.

Dada a ampla difusão das narrações bíblicas nos primeiros séculos, essas interpretações tinham uma força de persuasão muito grande na sociedade colonial em formação. Tal doutrina, em última análise, isentava os portugueses de qualquer culpa, pois a escravidão fazia parte de uma pré-destinação dos africanos, cuja origem remontava aos tempos bíblicos. Mais ainda, ao invés de violentos e desalmados, os escravocratas lusos passavam a ser considerados como verdadeiros justiceiros divinos, o braço escolhido por Deus para aplicar à raça negra o devido castigo.

Como consequência da maldição divina, o negro pertencia a uma raça vil, destinada aos trabalhos servis. Por esse motivo, quando, no Brasil colonial, se desejava designar uma atividade pesada e sem descanso, utilizava-se a expressão “mourejar” ou “trabalhar como mouro”. Mouros eram os africanos maometanos, considerados infiéis.⁵²

⁵¹ AZZI, Riolando. *A Cristandade colonial: mito e ideologia*. Petrópolis, SP. Ed. Vozes, 1987. Pág. 79-80.

⁵² AZZI, Riolando. *A Cristandade colonial: mito e ideologia*. Petrópolis, SP. Ed. Vozes, 1987. Pág. 81.

2.3. Haitianismo e a política de segregação e marginalização dos negros

De fato, a partir do século XVI os europeus instalaram-se tanto na América como na Ásia e na África. São criados impérios coloniais caracterizados por uma economia baseada, de um lado, na escravidão e, de outro, na exploração dos recursos do território.⁵³

Os europeus – franceses, pregavam os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Entretanto, esse era um pensamento que servia somente para eles, pois, o Haiti que era colônia francesa sofria com a escravidão. Afinal, que liberdade seletiva era essa?

O povo negro haitiano, escravizado por colonizadores franceses, fez uma revolução para que as promessas de liberdade e igualdade universais fundadas pela Revolução Francesa fosse estendida a eles, assim como foram contra um poder que consideravam tirano, pois negava-lhes a liberdade e não lhes reconhecia a igualdade. O resultado foi que os haitianos tomaram o controle do país e proclamaram a independência do Haiti em 1804.

Com a Revolução Haitiana tornou-se evidente que o projeto liberal-iluminista não tornava todos os homens iguais e sequer fazia com que todos os indivíduos fossem reconhecidos como seres humanos. Isso explicaria porque a civilização não pode ser por todos partilhada. Os mesmos franceses que aplaudiram a Revolução Francesa, viram a Revolução Haitiana com desconfiança e medo, e impuseram toda a sorte de empecilhos para a ilha caribenha, que até os dias de hoje paga o preço pela liberdade que ousou reivindicar.⁵⁴

O Haitianismo se torna um pânico coletivo entre os poderosos do século XIX, sobretudo no Brasil, com medo de que a revolução contra a escravidão ganhasse força em outros lugares. Foi nesse contexto, que se formou a política de criação da polícia militar no Brasil. Em 1809, com a chegada da família real no Rio de Janeiro, houve a criação da “Guarda Real”, com o intuito de proteger a nobreza, suas posses e reprimir as revoltas dos escravizados para impedir possíveis revoluções como a do Haiti. Isso explica o brasão da guarda real que foi herdado pela Polícia Militar do Rio de Janeiro. Em São Paulo, a polícia militar surge com o nome de Milícia Bandeirante. No brasão, carrega o bandeirante Domingos Jorge Velho, que comandou a expedição que destruiu o Quilombo dos Palmares.⁵⁵

⁵³ Ferro, Marc. *A colonização explicada a todos*. Trad. Por Fernando Santos. São Paulo. Ed. Unesp, 2017. Pág. 13-14.

⁵⁴ ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. Pág. 21-22.

⁵⁵ FLOW #106. *Entrevistados: Eduardo Marinho e “Chavoso” da USP*. São Paulo, Flow Podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/gmLgxNnSgq8?feature=share>. Acesso em: abril de 2023.

A constituição da polícia militar, tanto do estado de São Paulo, quanto do Rio de Janeiro, revela as políticas de segregação e marginalização do negro no Brasil. Desde sua formação, fica claro que a polícia existe para proteger uma minoria elitizada, que tem poder aquisitivo e pode garantir sua segurança privada.

O fator repressor da Guarda Real, herdado pela polícia militar, mostra o quanto racista foi o sistema que fundou o que deveria ser uma instituição de segurança pública. Com isso, não venho criticar o policial em si, pois há muitos oficiais em serviço que não partilham das ideologias racistas e repressoras do sistema. Mas, não há como negar que essa instituição que mais mata jovens negros no Brasil, foi formada debaixo de ideais racistas e repressores, que ecoam até hoje nas milhares mortes de pessoas pobres, negras e destituídas do seu direito a vida. O negro é marginalizado pela polícia, porque desde a sua fundação, essa instituição foi criada para ver o negro como inimigo, não como alvo de proteção.

Sem essa compreensão da fundação de base do Brasil, não vamos ter uma leitura crítica da sociedade e não vamos conseguir fazer política, hermenêutica e muito menos ser igreja! É preciso humanizar o Estado, que é uma instituição abstrata afim de cuidar de pessoas que são reais, sobretudo, pessoas negras, que mais sofrem com descaso e omissão do Estado e suas instituições.

Depois da Abolição, o negro não passa pela experiência de se reinserir na sociedade. Na realidade, para se construir um “novo Brasil”, são convidadas pessoas de outros países que não são negros.⁵⁶ Enquanto isso, a marginalização é crescente e pode ser entendida por uma lógica.

No tempo em que todo mundo tinha escravos nas roças e na cidade como empregados domésticos, os donos de escravos iam querer libertar toda essa gente de graça? Já que todos trabalhavam sem salário por que os senhores iriam dar a liberdade aos escravos? Para depois contratarem outros empregados, tendo de pagar salário? Havia sentido?⁵⁷

⁵⁶ OSANTIAGOS PODCAST #03. *Entrevistado: Wess Santiago*. Canal: OSantiago's. São Paulo, SP. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/k6mb7POTn6E?feature=share>. Acesso em: abril de 2023.

⁵⁷ SANTOS, A. F (org.). *Eu, negro – discriminação racial no Brasil existe?* Edições Loyola, São Paulo, 1986. Pág. 16.

2.4. O eco da Luta dos Direitos Civis Negros dos Estados Unidos no Brasil

Enquanto os negros norte americanos lutavam por seus direitos civis, no Brasil acontecia algo que impediria a reflexão e a luta pela mesma causa: a Ditadura Militar, que iniciou em 1 de abril de 1964 e durou até 15 de março de 1985.

O movimento de oração da Rua Azusa que dá origem ao Pentecostalismo, nasce nos Estados Unidos em um contexto de segregação racial. William Seymour, um negro que buscava a Deus com devoção, por conta dessa cultura racista, não podia fazer parte da igreja branca norte americana. Dessa forma, ele inicia um movimento de oração que congrega mais negros excluídos pela segregação. Algum tempo depois, em 1906 é registrada a primeira igreja pentecostal nos Estados Unidos, a COGIC (Church of God in Christ).

Alguns pastores movidos pelo racismo, decidem que não faz sentido negros e brancos cultuarem no mesmo lugar. Eles abrem mão do movimento de Deus em nome da cultura racista da época.⁵⁸

Analisando essa perspectiva, os debates étnico-raciais foram extremamente tardios no Brasil, pois, o negro brasileiro não teve chance de refletir sobre suas origens, nem sobre a negritude, enquanto lutava pela sobrevivência em um período de perseguição como a Ditadura. Isso fez com que a Teologia Negra se desenvolvesse primeiro em uma vertente estadunidense, e mesmo que isso seja positivo, é apenas uma vitória parcial, porque é necessário uma Teologia Negra em diálogo com a realidade socio-elesial do Brasil.

Mesmo que teólogos não falassem sobre o assunto e pautas étnico-raciais, isso não foi motivo para ausência de debate, pois, no âmbito social, diversos homens e mulheres mostravam a realidade do povo pobre e negro através do Rap.

Na década de 80, o Rap era considerado um movimento marginalizado, e constantemente associado ao crime. Mas, sua essência está em fazer denúncias e críticas sociais de maneira poética e assertiva.

⁵⁸ OSANTIAGOS PODCAST #03. *Entrevistado: Wess Santiago*. Canal: OSantiago's. São Paulo, SP. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/k6mb7POTn6E?feature=share>. Acesso em: abril de 2023.

2.5. O Hip Hop como movimento cultural de resistência negra

O Hip Hop é formado por quatro elementos: o Rap, o DJ, o breaking e a arte do grafite. A evolução histórica do rap nacional, acompanha uma resistência negra em se opor a omissão do Estado, do racismo e do descaso com o pobre.

As pautas defendidas pelos MC's do Rap, muitas vezes se associam com as pautas de defesas bíblicas: o pobre, o órfão e a viúva. Por isso, é necessário transcender a ideia do "gospel", e enxergar na crítica dos rappers, um movimento social pastoral, que agrega e contribui para a formação do conhecimento da negritude.

Um dos grupos mais famosos de Rap, o Racionais MC's, atravessou gerações com suas músicas, e embora descrevessem o cenário de sua época, essa descrição continua atual, e a crítica permanece questionando omissões.

"60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais
 Já sofreram violência policial
 A cada 4 pessoas mortas pela polícia, 3 são negras
 Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros
 A cada 4 horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo
 Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente"⁵⁹

Existem diversos artistas que trazem suas críticas em forma de música, mas, o Rap tem a característica singular de estar sincronizado em uma batida envolvente. Enquanto muitos acham que se trata apenas de uma música dançante, os pensamentos sociais continuando sendo levados adiante.

Ai, são regras do mundão
 Perdi as contas de quantos escondem
 A bolsa se eu digo: que horas são?
 Taxista perguntam mais que policiais a mim
 Sim, indescritível como é ruim⁶⁰

⁵⁹ RACIONAIS MC'S. *Capítulo 4, Versículo 3*. São Paulo, 1997. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/6Wt61AZLG0bN2KasopE2sj?si=94959ade254b4899>. Acesso em: abril de 2023.

⁶⁰ EMICIDA, *Cê lá faz ideia*. São Paulo, 2010. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/6Lbp3RoCLwdETIRL4LCwDA?si=72a166c67167450e>. Acesso em: abril de 2023

Em alguns momentos, o que seria difícil de ser explicado em uma aula, pode ser que seja compreendido na dinâmica de uma música. Por isso, rappers como César Mc, são necessários.

Racismo é um câncer estrutural
Esse fato não depende da sua opinião
Ou você coopera com essa estrutura
Ou você ajuda na demolição⁶¹

O Hip Hop como frente de uma resistência, pastoreia os negros e auxilia no combate ideológico contra os racistas. Se o racismo é uma ideologia pensada, é com novas ideias e perspectivas que ele precisa ser combatido. O rap é uma ferramenta extremamente importante nessa luta, pois os MC's ultrapassam a linha de artistas quando tocam diretamente na dor, na autoestima e nos conceitos dos negros, eles se tornam pastores mesmo que não percebam seu encargo. Pois, pastorear alguém, está para além da perspectiva religiosa que já foi concebida pelos preceitos dominantes, pastorear sobretudo, é ter uma ação acolhedora, é conduzir pelo exemplo e proteger quando necessário.

⁶¹ CESAR MC, *Dai a César o que é de César*. Espírito Santo, 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/4HJ1ffUdueDSeblz7wGKJo?si=60c6a71f80aa4ddd>. Acesso em: abril de 2023

CAPÍTULO III

CONCLUSÃO

TEOLOGIA NEGRA EM DIÁLOGO PARA A JUSTIÇA

No coração do cristianismo, está uma igreja negra. Suas origens teológicas na África, a identificação do negro com o Servo Sofredor, as denúncias sociais defendidas pelo movimento do Hip Hop, tudo isso, são confluentes de uma nova perspectiva da Teologia Negra para o Brasil.

A Teologia Negra é uma frente de luta antirracista, que reverbera não só na luta do negro. A ideia de racismo existe desde a igreja nascente em Atos. Paulo, combate o racismo dos judeus para com os gentios, que se consideravam uma raça superior, por fazerem parte das promessas divinas, desde o patriarca Abraão.⁶²

Deus não separou Israel para ser maior que as outras nações, mas sim, para ser a primeira fonte de revelação e comunhão. Isso deveria mostrar a possibilidade de outros povos se achegarem a Deus, pois, desde o Antigo Testamento, Deus não faz acepção de pessoas⁶³, sobretudo, isso fica ainda mais evidente no Novo Testamento.⁶⁴ Portanto, a luta antirracista é uma pauta das Sagradas Escrituras, isso precisa ser fonte de inspiração para o negro, afim de que ele seja visto como filho de Deus, não só por si, mas pelos outros.

A cura do racismo, não é fazer o branco descer ao nível do negro escravizado, afim de que ele sofra também, a forma de igualar a balança é fazer com que o negro suba.⁶⁴ Não existe maior reparação histórica do que o Evangelho.⁶⁵ Para o escravizado, o Cristo é a Libertação. Para o oprimido, Ele é o afago. Não existe doença ou problema que o Evangelho genuíno de Jesus não possa alcançar.

A releitura que precisa ser feita sob o negro com a perspectiva da libertação, precisa ser uma linha teológica que alcance o negro, mas também aproxime o branco. Quando se enxerga a prática o Evangelho como uma porta de solução para o racismo individual e estrutural, falamos de uma ação que precisa ser libertadora no geral.

⁶² Cf. Gl 3,27-29.

⁶³ Cf. Lv 19,15.

⁶³ Cf. At 10,34; Rm 2,11.

⁶⁴ OSANTIAGOS PODCAST #03. *Entrevistado: Wess Santiago*. Canal: OSantiago's. São Paulo, SP. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/k6mb7POTn6E?feature=share>. Acesso em: abril de 2023.

⁶⁵ OSANTIAGOS PODCAST #03. *Entrevistado: Wess Santiago*. Canal: OSantiago's. São Paulo, SP. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/k6mb7POTn6E?feature=share>. Acesso em: abril de 2023.

A Teologia Negra não tem a finalidade de excluir o branco como muitos pensam. O fato de o pensamento ter surgido em um contexto de segregação, fez com que os primeiros pensadores fossem radicais com a perspectiva de um pensamento negro. Porém, com a evolução da Teologia Negra, hoje percebe-se que o discurso de ódio contra o branco, nada mais é do que imitar o homem escravista colonial, se parecer com o opressor, não é a maneira sensata de resolver o problema. Tampouco são estes os ensinamentos de Jesus.

Nós acreditamos que o racismo só será superado a partir da prática junto a um movimento negro. Quando nos inserirmos em um grupo negro combativo, vamos reaprender a maneira de ser do negro. As ideias escritas e faladas contribuem muito, mas não traduzem toda a riqueza que tem a convivência direta com os valores negros.⁶⁶

A Igreja realiza sua missão própria de transformação das estruturas e realização da justiça social, tanto através da ação individual, quanto através da ação comunitária. Por isso, investir na formação de uma igreja pensante e piedosa, é um caminho reformador para dar passos em direção ao Evangelho proposto por Jesus. Quando conhecemos verdadeiramente o pensamento de Cristo, é mais fácil se comportar como Ele.

Vale ressaltar que este tema é uma fonte inesgotável de assuntos. Portanto, este trabalho tem um cunho pastoral e reflexivo, não há como responder com tamanha objetividade um problema que ainda está em debate nas igrejas, universidades e os mais variados contextos.

A Teologia Negra como formadora de opinião e conceitos, precisa levar a verdade da Libertação ao povo, sobretudo o povo negro. Deus permanece com seu coração libertador procurando quem possa receber a sua mensagem para vivenciar essa experiência marcada pela renovação de mente e transformação de vida. Que a esperança da Teologia Negra esteja na mesma fé do Êxodo: o Deus que libertou nossos pais, é fiel para cumprir suas promessas e libertar todo aquele que o receber de coração aberto!

⁶⁶ SANTOS, A. F (org.). *Eu, negro – discriminação racial no Brasil existe?* Edições Loyola, São Paulo, 1986. Pág. 70.

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 11° reimpressão, 2016. São Paulo, Paulus.

¹ PACHECO, Ronilso. *Teologia Negra*. Disponível em: <https://youtu.be/8T81BVO4rBM> (acesso em: abril de 2023).

² Cf. Ex 3,7.

³ SANTOS, A. F (org.). *Eu, negro – discriminação racial no Brasil existe?* Edições Loyola, São Paulo, 1986. Pág. 13.

⁴ SANTOS, A. F (org.). *Eu, negro – discriminação racial no Brasil existe?* Edições Loyola, São Paulo, 1986. Pág. 25.

⁵ WICKS, Jared. *Introdução ao método teológico*. 3° Edição, Edições Loyola, São Paulo, 2011. Pág. 16.

⁶ *Credo Apostólico*. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/oracoes/simbolo-dos-apostolos.html> (acesso em: abril de 2023).

⁷ BLANK, Renold J. *Deus na História: centros temáticos da Revelação*; Paulinas, São Paulo, 2005. Pág. 9.

⁸ Cf. 1 Pe 4,10.

⁹ WICKS, Jared. *Introdução ao método teológico*. 3° Edição, Edições Loyola, São Paulo, 2011. Pág. 13.

¹⁰ Cf. Sl 103,19.

¹¹ PACHECO, Ronilso. *Teologia Negra – O sopro Antirracista do Espírito*. 1° Edição, São Paulo, Novos Diálogos, 2019. Pág. 23.

¹² Cf. Rm 1,19.

¹³ Cf. Hb 11,6.

¹⁴ GRENZER, Matthias. *O projeto do êxodo*. 2° ed. Ampl. São Paulo: Paulinas, 2007. Pág. 42-43.

¹⁵ CEDI, Ass. Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT). *Identidade Negra e Religião – Consulta sobre cultura negra e Teologia na América Latina*. Edições Liberdade, São Paulo, 1986. Pág. 54.

¹⁶ CEDI, Ass. Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT). *Identidade Negra e Religião – Consulta sobre cultura negra e Teologia na América Latina*. Edições Liberdade, São Paulo, 1986. Pág. 56

- ¹⁷ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Comunhão e serviço: a pessoa humana criada à imagem de Deus*, 2004. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20040723_communion-stewardship_po.html. (acesso em: abril de 2023).
- ¹⁸ CEDI, Ass. Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT). *Identidade Negra e Religião – Consulta sobre cultura negra e Teologia na América Latina*. Edições Liberdade, São Paulo, 1986. Pág. 68.
- ¹⁹ CEDI, Ass. Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT). *Identidade Negra e Religião – Consulta sobre cultura negra e Teologia na América Latina*. Edições Liberdade, São Paulo, 1986. Pág. 68.
- ²⁰ SANTOS, A. F (org.). *Eu, negro – discriminação racial no Brasil existe?* Edições Loyola, São Paulo, 1986. Pág. 29.
- ²¹ MCCAULLEY, Esau. *Uma leitura negra: interpretação como exercício de esperança*. Trad. Susana Klassen. 1º Ed. São Paulo, Mundo Cristão, 2021. Pág. 97-98.
- ²² Cf. Ct 1,5.
- ²³ MCCAULLEY, Esau. *Uma leitura negra: interpretação como exercício de esperança*. Trad. Susana Klassen. 1º Ed. São Paulo, Mundo Cristão, 2021. Pág. 98.
- ²⁴ CEDI, Ass. Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT). *Identidade Negra e Religião – Consulta sobre cultura negra e Teologia na América Latina*. Edições Liberdade, São Paulo, 1986. Pág. 66.
- ²⁵ MCCAULLEY, Esau. *Uma leitura negra: interpretação como exercício de esperança*. Trad. Susana Klassen. 1º Ed. São Paulo, Mundo Cristão, 2021. Pág. 101-102.
- ²⁶ CEDI, Ass. Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT). *Identidade Negra e Religião – Consulta sobre cultura negra e Teologia na América Latina*. Edições Liberdade, São Paulo, 1986. Pág. 69.
- ²⁷ MCCAULLEY, Esau. *Uma leitura negra: interpretação como exercício de esperança*. Trad. Susana Klassen. 1º Ed. São Paulo, Mundo Cristão, 2021. Pág. 101.
- ²⁸ CEDI, Ass. Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT). *Identidade Negra e Religião – Consulta sobre cultura negra e Teologia na América Latina*. Edições Liberdade, São Paulo, 1986. Pág. 69.
- ²⁹ Cf. Lc 15,11-32.
- ³⁰ CEDI, Ass. Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT). *Identidade Negra e Religião – Consulta sobre cultura negra e Teologia na América Latina*. Edições Liberdade, São Paulo, 1986. Pág. 124.
- ³¹ CONE, James. *O Deus dos oprimidos*. São Paulo, Paulinas, 1985. Pág. 27.
- ³² MCCAULLEY, Esau. *Uma leitura negra: interpretação como exercício de esperança*. Trad. Susana Klassen. 1º Ed. São Paulo, Mundo Cristão, 2021. Pág. 78.

- ³³ MCCAULLEY, Esau. *Uma leitura negra: interpretação como exercício de esperança*. Trad. Susana Klassen. 1º Ed. São Paulo, Mundo Cristão, 2021. Pág. 79.
- ³⁴ DUSSEL, Enrique D. *Caminhos de libertação latino-americana*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1984. Pág. 138.
- ³⁵ CONE, James H. *Teologia Negra*. Ed. 50º aniversário. São Paulo: Recriar, 2020. Pág. 124.
- ³⁶ APARECIDO S, Antônio (org.). *Existe um pensar teológico negro?* Ed. Paulinas, 1998. Pág. 55.
- ³⁷ BONNATI, Mário. *Negra bela raiz: a presença negra na formação do Brasil*. Aparecida, SP. Ed. Santuário, 1991. Pág. 43.
- ³⁸ BONNATI, Mário. *Negra bela raiz: a presença negra na formação do Brasil*. Aparecida, SP. Ed. Santuário, 1991. Pág. 43.
- ³⁹ ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. Pág. 36
- ⁴⁰ ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. Pág. 40
- ⁴¹ AZIDEIASPODCAST. *Consciência Negra*. São Paulo, 20 de novembro de 2022. Instagram: @azideiaspodcast. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CIM1-RFNuBc/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: abril de 2023.
- ⁴² DEBOOK. Feliz aniversário, Monteiro Lobato. Bahia, 18 de abril de 2023. Insagram: @_debook_. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CrMEIzWuMUj/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: abril de 2023.
- ⁴³ AZIDEIASPODCAST. *Consciência Negra*. São Paulo, 20 de novembro de 2022. Instagram: @azideiaspodcast. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CIM1-RFNuBc/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: abril de 2023.
- ⁴⁴ MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. 2º Ed. São Paulo: Perspectiva, 2019. Págs. 109-111.
- ⁴⁵ BONNATI, Mário. *Negra bela raiz: a presença negra na formação do Brasil*. Aparecida, SP. Ed. Santuário, 1991. Pág. 34.
- ⁴⁶ BONNATI, Mário. *Negra bela raiz: a presença negra na formação do Brasil*. Aparecida, SP. Ed. Santuário, 1991. Pág. 34.
- ⁴⁷ BONNATI, Mário. *Negra bela raiz: a presença negra na formação do Brasil*. Aparecida, SP. Ed. Santuário, 1991. Pág. 36.
- ⁴⁸ SANTOS, A. F (org.). *Eu, negro – discriminação racial no Brasil existe?* Edições Loyola, São Paulo, 1986. Pág. 21.
- ⁴⁹ BONNATI, Mário. *Negra bela raiz: a presença negra na formação do Brasil*. Aparecida, SP. Ed. Santuário, 1991. Pág. 40.

- ⁵⁰ SANTOS, A. F (org.). *Eu, negro – discriminação racial no Brasil existe?* Edições Loyola, São Paulo, 1986. Pág. 14.
- ⁵¹ AZZI, Riolando. *A Cristandade colonial: mito e ideologia*. Petrópolis, SP. Ed. Vozes, 1987. Pág. 79-80.
- ⁵² AZZI, Riolando. *A Cristandade colonial: mito e ideologia*. Petrópolis, SP. Ed. Vozes, 1987. Pág. 81.
- ⁵³ Ferro, Marc. *A colonização explicada a todos*. Trad. Por Fernando Santos. São Paulo. Ed. Unesp, 2017. Pág. 13-14.
- ⁵⁴ ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. Pág. 21-22.
- ⁵⁵ FLOW #106. *Entrevistados: Eduardo Marinho e “Chavoso” da USP*. São Paulo, Flow Podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/gmLgxNnSgg8?feature=share>. Acesso em: abril de 2023.
- ⁵⁶ OSANTIAGOS PODCAST #03. *Entrevistado: Wess Santiago*. Canal: OSantiago's. São Paulo, SP. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/k6mb7POTn6E?feature=share>. Acesso em: abril de 2023.
- ⁵⁷ SANTOS, A. F (org.). *Eu, negro – discriminação racial no Brasil existe?* Edições Loyola, São Paulo, 1986. Pág. 16.
- ⁵⁸ OSANTIAGOS PODCAST #03. *Entrevistado: Wess Santiago*. Canal: OSantiago's. São Paulo, SP. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/k6mb7POTn6E?feature=share>. Acesso em: abril de 2023.
- ⁵⁹ RACIONAIS MC'S. *Capítulo 4, Versículo 3*. São Paulo, 1997. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/6Wt61AZLG0bN2KasopE2sj?si=94959ade254b4899>. Acesso em: abril de 2023.
- ⁶⁰ EMICIDA, *Cê lá faz ideia*. São Paulo, 2010. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/6Lbp3RoCLwdETIRL4LCwDA?si=72a166c67167450e>. Acesso em: abril de 2023
- ⁶¹ CESAR MC, *Dai a César o que é de César*. Espírito Santo, 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/4HJ1ffUdueDSeblz7wGKJo?si=60c6a71f80aa4ddd>. Acesso em: abril de 2023
- ⁶² Cf. Gl 3,27-29.
- ⁶³ Cf. Lv 19,15.
- ⁶³ Cf. At 10,34; Rm 2,11.
- ⁶⁴ OSANTIAGOS PODCAST #03. *Entrevistado: Wess Santiago*. Canal: OSantiago's. São Paulo, SP. Disponível em:

<https://www.youtube.com/live/k6mb7POTn6E?feature=share>. Acesso em: abril de 2023.

⁶⁵ OSANTIAGOS PODCAST #03. *Entrevistado: Wess Santiago*. Canal: OSantiago's. São Paulo, SP. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/k6mb7POTn6E?feature=share>. Acesso em: abril de 2023.

⁶⁶ SANTOS, A. F (org.). *Eu, negro – discriminação racial no Brasil existe?* Edições Loyola, São Paulo, 1986. Pág. 70.